

PRESS MONITORING

Opinião

As críticas às portagens nas SCUT

SEMPRE defendi que deveria haver portagens nas pontes e nos túneis de média a grande extensão e nas estradas com perfil de auto-estrada (exceção feita às circulares e radiais das grandes e médias cidades). Também considero que os valores das portagens deverão ter em conta os custos de construção das obras e os respectivos custos de manutenção, sendo o preço por km mais baixo em vias mais planas ou menos exigentes.

Entendo que os trechos a portarjam deverão estar perfeitamente definidos e claros para os utentes, havendo 'escapatórias', devidamente sinalizadas, antes do seu início, para permitir que quem

Jorge Paulino Pereira
Prof. IST (Univ. Lisboa)

vantava a questão da obrigatoriedade de identificação do veículo ou do seu condutor por um sistema de controlo, o que me parecia ir contra a legislação de protecção dos dados e da vida dos cidadãos.

TAMBÉM fui sempre contra a existência de isenções ou de descontos para residentes. Percebo que quem passe muitas vezes numa certa infra-estrutura possa ter descontos, determinados em função do número de passagens e não pelo simples facto de se ser residente ou trabalhador nesta ou naquela área. Julgo que todas as medidas que promovam isenções ou descontos em função do local de residência, do estatuto político ou sócio-profissional ou da cor partidária, vão contra o princípio da igualdade dos cidadãos perante a lei e perante o sistema social e não devem ser aplicadas.

No que se refere à saga das portagens nas SCUT, não houve mudanças de monta, quando se passou do Governo anterior para o actual. Deste modo, perdeu-se a oportunidade para corrigir ou melhorar o que estava incorrecto e que deveria ter sido alterado.

POR isso, registo com agrado as críticas que foram agora tornadas públicas, feitas pela União Europeia ao sistema de pagamento em vigor. Afinal, parece óbvio que deveriam ter sido revistos os sistemas de taxa-ção por pórticos e identificadores, sem alternativas de pagamento por sistemas tradicionais de portagens.

Também as isenções e descontos por residente, e outros, deveriam ser eliminados para assegurar o direito à circulação e para atender ao princípio da equidade de todos os utentes perante a lei e perante a mesma situação envolvente. Esperemos que estes erros se corrijam, para bem do país e de todos nós.

Registo com agrado as críticas feitas pela União Europeia ao sistema de pagamento em vigor nas SCUT

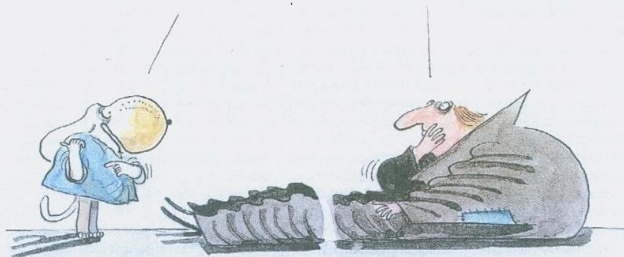
não queira usufruir dessa benesse ou não queira pagar a portagem possa utilizar uma solução alternativa menos cómoda, mais longa, mas também mais barata. Percebo e concordo que haja portagens com portageiros e também portagens sem portageiro em que claramente se perceba como se faz o pagamento com cartão bancário ou em numerário.

CONTUDO, sempre fui contra a existência de 'pórticos' nas SCUT a portarjam, sem haver alternativas de pagamento com portagens tradicionais (com ou sem portageiro). Dizia eu que se criavam condições de não igualdade para todos os que quisessem passar, criando 'clubes dos utentes' que podiam transitar e impedindo os outros de utilizarem essa via. Essa questão colocava-se não só em relação aos estrangeiros como também em relação a todo aquele que não possuía o indicador tipo Via Verde ou outro. Além disso, a existência de pórticos le-

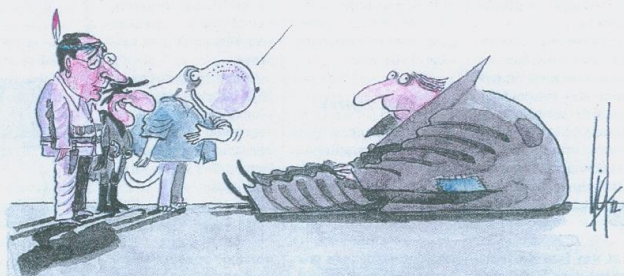
Cão traste AUGUSTO CID

DEIXA-ME APRESENTAR-
TE A IMBATÍVEL DUPLA
DA OPOSIÇÃO!

DESCULPA MAS ESTÁS
A FALAR DE QUE DUPLA?...



ZORRINHO E TONTINHO!



É possível uma criança de 1

EM 2010, a Associação EPIS - Empresários Pela Inclusão Social lançou um novo projecto-piloto de combate ao insucesso escolar no 2.º ciclo - jovens dos 10 aos 12 anos - numa escola de um concelho parceiro. O universo de partida eram os 210 alunos que iniciaram o 5.º ano de escolaridade em 2010/2011 e que seriam acompanhados ao longo desse ano e do seguinte, ou seja, em todo o percurso do 2.º ciclo.

Diogo Simões Pereira
Director-geral da EPIS -
Empresários Pela Inclusão Social

O diagnóstico inicial, em Outubro de 2010, revelou uma situação preocupante, com pelo menos 41 alunos com factores de risco: 9 repetentes, 10 alunos com negativa nas provas de aferição do 4.º ano a Português e Matemática e 22 alunos com negativa nas provas de aferição a Português ou

a Matemática. 41 em 210 alunos são 20% do universo. No final do 1.º período de 2010/2011, já tínhamos 56 alunos a ser acompanhados pela EPIS, 27% do universo de partida. Desses alunos, 15 tinham 3 a 5 negativas e 9 tinham mais de 6 negativas. No final do 3.º período de 2010/2011, no entanto, apenas um aluno acabou por reprovado.

JÁ no ano lectivo de 2011/2012, no 1.º período,

VICENTE JORGE SILVA

O ARCO E A FLECHA



33

Vital, Maquiavel e La Palisse

CRUZEI-ME nos estúdios da SIC, em duas ocasiões recentes, com amigos que já não via há um bom par de anos: Ana Gomes e Vital Moreira. Ambos são, como se sabe, deputados europeus pelo PS, e também os únicos sobreviventes de um blogue que, com outros amigos de proveniências e gerações diversas, criámos em Novembro de 2003, o *Causa-Nossa*.

Se a devoção comum ao blogue foi sol de pouca duração – descobri, no que me toca, não ser essa uma forma de intervenção pessoalmente estimulante – a amizade manteve-se, juntando-nos em encontros regulares onde, entre outras coisas, debatíamos a actualidade política.

Era uma amizade que resistia às diferenças de temperamento e opinião, independentemente das paixões políticas que por vezes me pareciam excessivas da Ana ou da fria racionalidade e a devoção sócrática do Vital. Mas, com a passagem do tempo, descobri melancolicamente que a Europa nos foi colocando longe da vista e também longe do coração.

Não que a Europa seja directamente culpada por esse afastamento – já chegaram todas as outras culpas que lhe atribuímos – mas porque, de facto, a distância afectiva entre Lisboa e Estrasburgo ou Bruxelas é infinitamente maior do que, nesta era de comunicações cada vez mais rápidas e fáceis, julguei ser possível.

NESSES meus encontros ocasionais nos bastidores da SIC com a Ana Gomes e o Vital Moreira, prometemos mutuamente retomar os saudosos hábitos de um passado afectuoso, mas não vale a pena iludir uma fatalidade mais forte do que o desejo. Há qualquer coisa que entretanto se perdeu e não será recuperável, apesar da vontade sincera em pretender o contrário.

Sem querer abusar das sugestões metafóricas, dei por mim a pensar que a Europa não funciona hoje como um elo de ligação, de proximidade comunitária, mas como um factor de distância e abstracção não apenas entre os Estados membros mas entre as pessoas (incluindo velhos amigos).

Presumo que a Ana ou o Vital, apesar da sua diferença profunda de pontos de vista sobre muitos temas, atribuem uma enorme relevância ao seu papel de eurodeputados nestes tempos críticos para o futuro da Europa. Mas para os cidadãos comuns que estão fora desse teatro político, como é o meu caso, o Parlamento Europeu e as outras instituições da União tendem a parecer cada vez mais abstractos, estranhos e estranhos.

QUANDO vi Vital Moreira a ser entrevistado por Mário Crespo na SIC, antes de um programa em que partilhei, e o ouvi falar do actual momento da Europa e do PS, foi essa incómoda sensação de estranheza que

me assaltou, como se a pessoa que estava do outro lado do ecrã não fosse um velho amigo meu mas um desconhecido, um estrangeiro.

Vital não dizia nada que fosse ostensivamente contraditório com posições que vem assumindo e, por outro lado, eu estava há longo tempo habituado a conviver pacificamente com as nossas divergências de opinião. O que sobretudo me incomodava era sentir que a sua fria racionalidade de sempre se tornara simplesmente gélida, como se ele estivesse refém de uma ortodoxia institucional e política bacteriológicamente pura, à qual seria estulto contrapor qualquer propósito discordante ou alternativo. Ou representasse o papel de um médico legista dissertando sobre anatomia e autópsias.

ESSA impressão acenou-se ao ler a sua entrevista do passado fim-de-semana ao jornal *i*, onde Vi-

“

Eis consumada a convergência perfeita entre Maquiavel e La Palisse. O que falta hoje ao meu velho amigo Vital Moreira é um pouco mais de paixão, de convicção - e de opinião própria...

tal afirma que «**embora com hesitações e atrasos, a União respondeu bem à crise e, no caso de Portugal, penso que estamos no bom caminho. No fundamental, não temos de nos queixar de a Europa não nos ter dado a mão quando precisámos dela.**»

Não se descortina aí qualquer reserva do eurodeputado socialista à natureza, às consequências ou aos custos da actual política de austeridade, porque «**independentemente do juízo que eu faça sobre as políticas em concreto deste Governo, as coisas não lhe estão a sair mal.**» (...) «**E o Governo tem uma estratégia clara: fazer o mal todo de uma vez, de modo a inverter a situação a tempo das próximas eleições legislativas.**» Maquiavel e José Sócrates não diriam melhor...

A sua conformação totalmente plácida com o discurso oficial leva Vital a sublinhar que «**se este Governo for capaz de consolidar as contas públicas, se conseguir pôr a economia a crescer - mesmo que seja pouco - e conseguir inverter o caminho do desemprego, a vida do PS não vai ser fácil.**» Além disso, «**a ideia de ratificar o Tratado orçamental sem demora - não vamos ser o primeiro país, mas seremos dos primeiros - é compreensível. No lugar do primeiro-ministro, faria o mesmo.**» La Palisse não seria mais avisado...

SIMPLESMENTE, não se espera de alguém como Vital Moreira que se limite a enunciar hipóteses e cenários simplistas, mas que exprima opiniões próprias. Ora, nesta entrevista, Vital parece ter receio da sua própria sombra.

Por isso, quando o entrevistador o questiona sobre como reagirá ao eventual convite para um novo mandato, o eurodeputado confessa: «**Não tenho resposta para a sua pergunta.**» E quando é interrogado sobre o trabalho de Durão Barroso, responde: «**Não tenho uma opinião negativa**» (embora afirme depois que Durão travou «**uma batalha muito interessante**» para impedir a subalterização da Comissão Europeia, a qual «**está a sair airoso deste teste**»).

Vital parece querer ficar de bem com este mundo e o outro. Basta ver a forma como tenta conciliar a sua amizade com Sócrates e o seu apoio a Seguro – ou aos novos estatutos do PS –, embora recomendando ao actual líder socialista: «**Tem de afirmar a sua autoridade. Tem de se ajustar à cadeira do poder.**» Mas a confissão mais reveladora vem a seguir: «**Eu encaro tudo isto sem paixão. Tenho idade para saber que estes processos (as disputas internas do PS) são absolutamente naturais.**»

Eis consumada a convergência perfeita entre Maquiavel e La Palisse. O que falta hoje ao meu velho amigo Vital Moreira é simplesmente um pouco mais de paixão, de convicção – e de opinião...

anos ser má a tudo na escola?

a EPIS estava a acompanhar 61 alunos, agora no 6.º ano – 29% do universo de partida. Neste grupo, 37 alunos tiveram mais de 2 negativas no final do 1.º período, isto é, estavam em situação de reprovação se o ano terminasse naquele momento – 18% do universo.

Como no ano anterior, a EPIS analisou estes 37 alunos, um a um, e foi nesse momento que a perplexidade se apoderou da equipa: 2

alunos tinham 8 negativas; 1 aluno tinha 7 negativas, 6 alunos tinham 6 negativas; 8 alunos tinham 5 negativas; 17 alunos tinham 4 negativas. De todos estes, apenas 2 teriam sinais de problemas graves de aprendizagem.

Passo a explicar a perplexidade. Para um aluno ter 6, 7 ou 8 negativas, tem de ter negativa a Português, Matemática, Inglês, História/Geografia, Ciências da Natureza, Educação Visual

e Tecnológica, e/ou até Educação Musical e Educação Moral Religiosa e Católica. É ter negativa a tudo ou quase tudo.

TRATANDO-SE estes casos de crianças de 11 anos – e não jovens, como se tem tendência a referir e escrevi propositalmente até aqui –, a mensagem que muito provavelmente eles assimilam é de que são maus a tudo e de que não servem

para estar na escola. Adicionalmente, se os encarregados de educação destas crianças também entenderem assim a mensagem, estão criadas todas as condições para um iminente abandono escolar no início do 3.º ciclo.

Em Portugal, por todo o país, há muitas escolas como esta, onde se faz um enorme esforço pela inclusão social, mas onde não se conseguem ainda evitar estas situações.

NO estado actual de desenvolvimento organizativo das escolas no novo paradigma dos '12 anos de escolaridade com sucesso', deixo a pergunta: deve ter uma escola a autonomia para dizer a crianças de 11 anos que 'são maus a tudo' ou deve ter a missão/obrigação de ir à procura incansavelmente dos talentos, das vocações, do lado melhor das crianças mais frágeis?